

6º Congreso Internacional de Antropología

AIBR: HUMANIDADES EN EMERGENCIA: SALUD Y RECONSTRUCCIÓN SOCIAL

Etnografia e Teatro como impulsionadores de Processos Participativos

Marisa Marques (Beira Serra – Associação de Desenvolvimento)

Sílvia Pinto Ferreira (Quarta Parede – Associação de Artes Performativas da Covilhã)

A pensar nas necessidades e dificuldades de um grupo social muito específico, mulheres mães sós, criámos o VELEDA - Mulheres e Monoparentalidade/Projeto Artístico-Social. Este projeto é desenvolvido pela ONG Beira Serra – Associação de Desenvolvimento, em parceria com a Quarta Parede – Associação de Artes Performativas da Covilhã, três municípios da região da Cova da Beira (Beira Baixa – Portugal), o MDM - Movimento Democrático de Mulheres e a UBI- Universidade da Beira Interior, com o apoio da Iniciativa PARTIS - Práticas Artísticas para a Inclusão Social da Fundação Calouste Gulbenkian.

A intervenção social no território mostrou-nos que a monoparentalidade é por si só um factor de estigmatização social que é reforçado quando aliado a uma maior vulnerabilidade económica e geográfica. Em Portugal as mulheres continuam a representar o maior número de famílias monoparentais (88%), sendo aquelas que estão mais vulneráveis ao desemprego e sujeitas a um maior risco de pobreza. Acresce o facto de estarmos num território do interior, economicamente deprimido, o que implica menos emprego, baixos salários e menos oferta pública de serviços, o que agudiza situações de vulnerabilidade.

O VELEDA procura a emancipação de um grupo de mulheres caracterizadas pela sua situação de monoparentalidade, promovendo o desenvolvimento de competências pessoais e sociais através da sua participação ativa em laboratórios de pesquisa social e artística e como cocriadoras e intérpretes de um espetáculo teatral. O cruzamento entre as áreas social, artística permite debater ao nível local os constrangimentos, obstáculos e estigmas com que se confrontam as famílias monoparentais femininas, alertar os agentes locais e a comunidade para a necessidade de intervir de forma integrada e complementar e produzir e disseminar conhecimento científico.

A proposta artística do projeto assenta no recurso ao teatro como agente criativo de transformação pessoal e social e como meio de transmissão e disseminação de conhecimento no âmbito da monoparentalidade feminina.

O projeto teve início em 2019 e intervém em três municípios do interior centro de Portugal, Belmonte (6859 habitantes), Covilhã (51797 habitantes) e Fundão (29213 habitantes). É dirigido a mulheres maiores de 18 anos, responsáveis por famílias monoparentais e mulheres que passaram por maternidades precoces.

Neste texto iremos refletir sobre metodologias de articulação entre as artes performativas e a etnografia como impulsionadoras de processos participativos tendo por base experiências, testemunhos e registos que incidem sobre a primeira fase deste projeto, os Laboratórios de Pesquisa Social e Artística (LABS), realizados entre março de 2019 e agosto de 2020.

“Para que é que isto serve?”

Na tentativa de chegar ao maior número de mães em situação de monoparentalidade, realizámos 11 sessões de apresentação do projeto e captação de participantes para os LABS, respeitando as características daquele que é o nosso grupo-alvo, mulheres em situação de maior vulnerabilidade. O convite para estas sessões foi na sua maioria institucional, por carta, e assim chegámos a 72 mulheres. Esta chamada institucional trouxe um maior número de mulheres que puderam ouvir sobre o tema mas, por outro lado, colocou o convite do lado institucional, do lado de quem investiga, pede, cobra, polícia as ações das mães e de uma população que se sente fragilizada. Registámos o pudor e a vergonha de algumas mulheres em estarem nas sessões por não se identificarem com o grupo, mas o que mais nos constrangeu nestes momentos foi o receio, a relação de subserviência que estas instituições constroem com as pessoas mais vulneráveis, a cobrança e justificação da presença:

“Se eu não participar no projeto não perco o RSI, pois não?”

“Preciso que me assine em conforme estive aqui, por favor. Diz à doutora que eu estive aqui?”

“Fiquei tão contente quando recebi a carta com este convite, pensei que era um emprego...”

Numa destas sessões de apresentação, explicámos que cabia também ao projeto dar ferramentas para cada mulher participante ir atrás dos seus sonhos. Dias depois recebemos um telefonema, do outro lado perguntavam: “como é isso possível, eu gosto de cozinhar, vocês estão a dizer-me que com este projeto vão-me ajudar a abrir um restaurante?”. Esta não era uma pergunta irónica, era a pergunta de alguém que queria perceber concretamente com o que é que podia contar e até onde o projeto a podia levar. Questões que mantemos ao longo do projeto com o grupo de mulheres participantes procurando que as respostas sejam dadas por todas mesmo que fiquem aquém das nossas perspetivas ou objetivos de partida.

Das 72 mulheres que estiveram nas sessões de apresentação, 47 disseram estar interessadas, 34 chegaram a participar em pelo menos um encontro e 20 tiveram uma participação regular. Foram criados três Laboratórios, um cada um dos municípios. O grupo das mulheres participantes é bastante heterogéneo em termos de idade (entre >30 anos e <70 anos), escolaridade (desde o ensino básico ao ensino superior), vida profissional (em situação de desemprego, com contrato sem termo, em prestação de serviço e reformadas), origens (três pessoas têm nacionalidades estrangeiras e grande maioria é oriunda da região) agregado familiar e habitação (há pessoas que vivem em habitação social). Todas as participantes estão em situação de monoparentalidade ou passaram por esta situação, algumas têm filhos dependentes, outras têm filhos já independentes. Duas pessoas têm experiência na área do teatro, uma participante tem experiência na área das artes visuais, as restantes não têm experiência em práticas artísticas.

Algumas das mulheres participantes eu já conhecia, enquanto trabalhadora da ONG, conhecia a sua história e elas já me conheciam a mim, tratamo-nos por tu mas elas sabem que nesta relação o poder está do seu lado, eu estou lá sempre, elas estão quando a vida deixa... Na maioria das vezes não há reciprocidade porque elas não sentem que têm algo a ganhar comigo. Por isso no primeiro encontro deste projeto lembro-me de pensar como é que podia falar de mim de forma a estar o mais próxima, a poder estar lado a lado com as mesmas fragilidades e sonhos como qualquer mulher. Pensei em mim quando era criança e no que eu sonhava ser, foi assim que me apresentei às mulheres que conhecia há mais de 10 anos e àquelas que conhecia agora pela primeira vez. Em criança sonhava ser advogada e viver em Paris e hoje antropóloga a trabalhar há 12 anos no interior de Portugal na dinamização comunitária, sonho que me vejam como uma mulher, mãe, alguém que também se sente muitas vezes sem suporte e sem rede. Como refere Paula Godinho, quantos de nós

antropólogos estamos desejosos de ser a outra pessoa para sermos credíveis (Godinho, 2014). Nas sessões não usava caderno de campo, não apontava, raramente saía do círculo, queria fazer parte do círculo e não ser a investigadora. Não queríamos que os laboratórios fossem espaços unilaterais, mas sim o lugar onde todas deveriam fazer perguntas. Não queríamos que as participantes se sentissem objeto da investigação, mas sim parte ativa do processo. Não queríamos também que fossem espaços de formação e sentimos a enorme dificuldade que existe pela academia e outras organizações em sair do “conforto do power point”. Os laboratórios seriam um espaço de encontro onde todos, participantes e facilitadores estariam prontos para aprender, um espaço de pesquisa horizontal. Numa das primeiras sessões dedicadas aos direitos laborais e à igualdade de género não foi fácil passar esta barreira do formador. Conseguimos ultrapassar recorrendo ao teatro. Nestas sessões foram distribuídos papéis e situações que eram teatralizadas. Representações do eu na vida quotidiana. Uma das participantes confessa umas sessões mais tarde que foram momentos de grande dificuldade por ser confrontada com as batalhas do dia-a-dia, com a pressão que sente no trabalho e a repetição de rituais de poder que muitas vezes não temos consciência: “Custou-me muito fazer aquela representação, é como se tomasse consciência da gravidade de situações que me passavam despercebidas”.

Ao longo das sessões fomos tomando também nós consciência da necessidade das artes performativas como ligação à etnografia. Propomo-nos através da etnografia perceber melhor o que é estar sozinha a criar os filhos e percebemos que não podíamos perguntar. Nenhuma destas mulheres é mãe solteira por eleição, algumas com processos de abandono e ausência do pai desde o início da gravidez e acerca disso elas não querem falar e nós não nos sentimos no direito de perguntar. “Não gosto de falar da minha história, não gosto de me expor” diz Sofia depois de um exercício a pares que propunha a cada pessoa fazer uma pesquisa sobre a outra. A Sofia já nos tinha contado vários pormenores sobre a sua história, episódios de violência com o pai dos filhos que tinha problemas de dependência do álcool, mas quando a outra mulher lhe fez perguntas retraiu-se. Como falar de monoparentalidade com quem não quer falar sobre o tema, com quem deseja sobretudo esquecer? Esquecer porque se tem a lágrima logo ali.

Esta preocupação acompanhou todo o trabalho dos laboratórios, houve momentos em que sentimos que trazia fragilidades ao trabalho, por pensarmos que a recolha não era tão intensa mas talvez tenha trazido o espaço de segurança que ambicionávamos. A poesia, o cinema, o movimento, o teatro ajudou-nos a contar histórias que podem ser de todas.

Pretendemos com os laboratórios, mais do que um processo de pesquisa-ação encetar um processo colaborativo/participativo, em que esteja bem claro para todas as pessoas envolvidas onde queremos chegar. Estimular as boas perguntas, dar espaço para questionar sempre fez parte deste processo de envolvimento num mesmo compromisso.

De que forma vamos falar, tratar a monoparentalidade nos laboratórios VELEDA? / Qual a finalidade deste processo? / O que é que eu levo comigo no fim deste projeto? / Porque me sinto tão bem, tão leve e tão feliz quando estou aqui? / Acham que me libertei um pouquinho mais? / Sinto-me melhor quando estou com outras pessoas que partilham os mesmos problemas? / Contar a minha história de vida... será que me vou sentir melhor? / Até onde é que poderemos chegar com a partilha das nossas histórias de vida? / Qual será a visão dos outros sobre a minha história? / Poderá a partilha a minha história ser uma inspiração para os outros? / Cada vez que conto a minha história de vida faço uma reflexão sobre mim mesma? Ou limito-me a repeti-la sem mais? / Quais são as reivindicações legítimas das famílias monoparentais? / O que quero mudar? [Perguntas das mulheres participantes durante os LABS]

Um desses compromissos é a sensibilização e influência nas políticas públicas, os apoios nacionais são pouco e na gestão pública local falta uma resposta concertada e eficaz. A fragilidade económica e social das famílias monoparentais é um problema referenciado em plano e em regulamento e na prática é ainda mais negligenciado. Motivos pelos quais considerámos fundamental trazer o poder local para o projeto, contudo é uma formalidade que serve ao discurso institucional. Há seis meses que duas participantes do projeto fizeram a candidatura a uma casa de habitação social e não têm resposta, quando estar em situação de monoparentalidade é factor de prioridade no regulamento Municipal da Habitação Social.

“Não existem políticas efetivas de apoio às famílias monoparentais, existe sim uma política de policiamento do comportamento das mães.” É Luísa quem nos diz, mãe de três filhos, técnica superior na área da educação e referenciada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens devido às faltas escolares de um dos filhos, mas também segundo a própria, por “não ser uma pessoa de confiança, perante o sistema convencional, machista e retrógrado, que desconfia de uma mulher estrangeira que tem filhos de dois pais diferentes. Nada do que acontece aos meus filhos é comparável aos filhos das famílias tradicionais porque eu sou monoparental. Tudo ganha uma dimensão diferente, carregada de estereótipos e de julgamento social.”

“O meu sonho era ir à praia e desfrutá-la”

“Onde reinventar o gesto e a palavra? Tudo está invadido pelos significados antigos, e nós própria[s], e nós mulheres que pretendemos revolucionar, até aos ossos, até à medula?” (Barreno, Horta e Costa, [1972] 2010, p.199). Estas palavras escritas antes da revolução de abril de 1974, portanto, antes de em Portugal ser possível a todas as mulheres votar, ecoam nas interrogações que nos têm acompanhado no VELEDA. Assumindo que, como o próprio projeto, este é um texto ainda em progresso, partilho entre estas interrogações aquelas que mais me inquietam enquanto atriz-encenadora-mulher-participante: Pode o teatro, através do seu potencial na reinvenção de gestos, palavras e significados, ser um meio de efetiva emancipação e transformação pessoal e social? Como aplicar o teatro a problemáticas associadas à monoparentalidade considerando os desejos, necessidades e especificidades das mulheres participantes? É o teatro capaz de dialogar com estas mulheres e levá-las a aprofundar o diálogo consigo próprias e com o mundo? Conseguiremos através do teatro “imaginar novas formas de ver os nossos lugares no mundo” (Kuppers e Robertson, 2007, p.152, tradução minha) e, para além disso, propor novos mundos? Estaremos nós, mulheres do séc. XXI, cientes que ainda precisamos de revolucionar e que o temos de fazer desde dentro, dentro de nós próprias e das relações entre mulheres?

Nas sessões de divulgação dos LABS pedimos às mulheres presentes que escrevessem um sonho pessoal nas costas de um quadrado de papel que mostrava uma obra da artista Ana Jota intitulada “Monoparental Uma” (2002). Transcrevemos alguns dos sonhos manifestados:

Ter melhores condições de casa por exemplo um telhado novo. / Ter dinheiro para arranjar os dentes. / O meu sonho é ter um bom marido e a minha filha ter um bom padrasto (...) / Ter uma casa. / O meu maior sonho é ser fotógrafa e ter uma máquina fotográfica linda. (...) / Conduzir. / O meu sonho era ir à praia e desfrutá-la / Voltar a andar. / Ter um trabalho. / A possível cura para a minha filha. (...) / Ser feliz, ter saúde e ver crescer os meus filhos como cidadãos saudáveis e realizados. / Um dia gostaria de viajar pela Europa (...) / Ser avó / Tirar (...) o meu curso de marketing.

Distribuíram-se estes papéis aleatoriamente e os “sonhos” foram lidos por todas em voz alta. Estas leituras foram momentos marcantes com qualidades reivindicativas e poéticas que queremos guardar como ponto de partida do processo de intervenção social e artística do

VELEDA. Registrar os “sonhos” destas mulheres, a maior parte das quais não continuou vinculada ao projeto, foi uma tentativa de registo das suas aspirações pessoais e, também, um apelo a que as suas vozes se fizessem ouvir em coletivo e ecoassem (dentro de cada uma, entre e para lá delas) num manifesto de desejos e necessidades que reflete não apenas a esfera íntima e pessoal, mas também as dimensões social e política dos “sonhos” de um conjunto alargado de mulheres em situação de monoparentalidade residentes no interior centro de Portugal.

Estes “sonhos” fazem parte do arquivo documental do projeto constituído por todos os materiais que vão sendo produzidos nas suas atividades entre textos, fotografias, sonoridades, vídeos e objetos. Arquivo este que está a ser na sua grande parte alimentado pelos dois LABS desenvolvidos.

Como a própria designação “laboratório” indica, os LABS propõem-se como espaços nos quais é possível questionar, procurar, inventar e experimentar num ambiente reservado, seguro e de grande liberdade. Pretendem acima de tudo favorecer uma pesquisa horizontal na qual todas as pessoas envolvidas experienciam, partilham e aprendem juntas, conscientes dos diferentes papéis de cada uma no projeto, entre participantes e elementos da equipa.

A valorização das experiências e conhecimentos de cada participante e do estar, fazer e pensar em coletivo determinaram que, não obstante o planeamento de um corpo de sentidos programáticos, os conteúdos do laboratório permaneçam flexíveis e abertos tanto às necessidades e propostas das participantes quanto às direções impostas por cada sessão.

Com recurso a metodologias participativas e relacionais das artes performativas de natureza corporal, interdisciplinar e democrática (Mcnamara, Kidd, Hughes, 2011, p.201), os LABS cruzaram quatro áreas distintas, o teatro, a igualdade de género e o direito familiar e laboral. Com este diálogo interdisciplinar que convocou também outras áreas artísticas como o movimento, a poesia e o cinema, procurou-se que as participantes aprofundassem as suas capacidades expressivas e criativas a par com a aquisição de conhecimentos aplicáveis à sua vida familiar, social e profissional. Começámos por um trabalho de base de estímulo de qualidades sensíveis: consciência e disponibilidade corporal, confiança e proximidade entre participantes e gramática criativa e expressiva. Seguimos para a experimentação de exercícios teatrais que envolveram histórias de vida e temas ligados à monoparentalidade, no sentido da construção de universos dramatúrgicos comuns.

Uma das inquietações levantadas pelos LABS é se esta pesquisa, desenvolvida num espaço-tempo extra-quotidiano, isto é, através de experiências sensíveis e simbólicas que propõem formas alternativas de estar consigo e em relação, são realmente consequentes para além do projeto. Este bem-estar, afeto e apoio que emerge entre os grupos nas sessões poderá ter consequências na melhoria da vida das participantes durante e após o projeto? Ainda que não representando uma resposta fechada, a interação entre as participantes durante o período de confinamento provocado pelas circunstâncias pandémicas e que obrigou a uma abrupta suspensão dos LABS, abriu-nos alguns caminhos para respostas possíveis a esta pergunta que já prometeu acompanhar-nos muito para além do fim do projeto.

Entre antes e depois – um “drama” chamado pandemia

Mesmo antes de entrarmos em confinamento estávamos prestes a cumprir um primeiro objetivo em coletivo: apresentar publicamente um exercício performativo baseado naquilo que descobrimos juntas.

Inesperadamente, ficámos em casa... O telefone e o computador substituíram os nossos espaços de encontro. O estar em proximidade à distância impôs-se. *Online* desabafámos, rimos e chorámos, partilhámos dúvidas e receitas, demos respostas a desafios criativos, entre os quais o Caderno de Quarentena construído a partir de uma recolha fotográfica do quotidiano em confinamento que partilhámos no site do projeto:

<https://projetoveleda.wixsite.com/veleda/post/caderno-de-quarentena>

Tudo isto entre contas, prestar contas e as exigências de ser o único adulto a partilhar o confinamento com crianças e adolescentes que repentinamente passaram a ter aulas em casa. Deste período ficaram-nos muitas páginas de conversas *online* que estamos agora a traduzir para uma linguagem cénica e das quais partilhamos o poema da Vera:

está sempre. / deixa de. / faz tudo. / não recusa. / tem dificuldade / em se permitir / ser. / é o filho, / a filha, / os filhos, / as filhas, / os pais, / os namorados, / as namoradas, / a mãe, / é o pior / e o melhor.

Após o período de confinamento exigido pela pandemia, no qual estivemos desde 13 de março até 31 de maio sem contacto presencial, voltaram aos LABS 13 mulheres. Nos primeiros reencontros realizámos entrevistas individuais para registo documental do projeto, nas quais perguntámos o que lhes ficou e nas suas famílias destes tempos de confinamento em pandemia. Houve lágrimas e angústias e mulheres que não conseguiram continuar com o grupo.

No momento em que escrevemos, os LABS estão dedicados à preparação dos exercícios performativos, um por grupo, que serão finalmente apresentados no início de agosto. Na senda do etnoteatro, enquanto “possibilidade para explorar e transformar informação em experiência partilhada,” que “envolve lógicas de pensamento, diferentes níveis de interpretação, de perceção, racional e afetiva, determinado por uma experiência etnográfica própria que necessita de dar voz aos interlocutores” (Salgado, 2013, p.35), estes exercícios performativos compõe-se como uma partilha de matérias-primas textuais e cénicas concebidas pelos dois grupos e que focam problemáticas de género e de classe muito relacionadas com a vida familiar e profissional das participantes enquanto responsáveis por famílias monoparentais mas com amplitude para tocar todas as pessoas, mulheres e homens. Uma metodologia a perseguir na segunda fase do projeto, com a criação coletiva de um espetáculo de teatro documental, momento que será determinante para aprofundar esta reflexão.

Referências bibliográficas

Barreno, M^a Isabel, Horta, M^a Teresa, Costa, M^a Velho da, 2010 [1972], *Novas Cartas Portuguesas*, D. Quixote, Lisboa.

Godinho, Paula (coord.), 2014, *Antropologia e Performance - Agir, Atuar, Exibir*, 100 Luz, Castro Verde.

Kuppers, Petra, Robertson, Gwen, *The Community Performance Reader*, Routledge, Oxon, 2007.

McNamara, C., Kidd J. & Hughes, J., 2011, “The Usefulness of Mess: Artistry, Improvisation and Decomposition in the Practice of Research in Applied Theatre”, in B. Kershaw & H. Nicholson (orgs.), *Research Methods in Theatre and Performance*, Edinburgh University Press, Edimburgo, pp. 186-209.

Salgado, Ricardo Seïça, 2013, "Etnoteatro como performance da etnografia: estudo de caso num grupo de teatro universitário português" in *Antropologia, etnografia e práticas artísticas*, vol. 2, nº 1, pp.31-52(<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.557>).